

GÊNERO
E POLÍTICA:
REPRESENTAÇÕES
DA MULHER
NO DISCURSO
DA VEJA

[ARTIGO]

Muriel Emídio Pessoa do Amaral
José Miguel Arias Neto

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

A proposta desse artigo é de analisar, sob a ótica de Michel Foucault, o discurso da matéria *Bela, recatada e 'do lar'*, que foi veiculada no site da *Veja*. No entendimento de Foucault, o discurso ultrapassa a ordem semântica e pode ser considerado um dispositivo de poder. Este artigo pretende analisar, segundo esta ótica, a intenção discursiva do site na produção de representações – de gênero e de sexualidade – de mulheres que se projetam no espaço político, cristalizando determinados signos e renegando outros.

Palavras-chave: Discurso. Representação. Jornalismo.

The proposal of this article is to analyze, from Michel Foucault's point of view, the discourse of article *Bela, recatada e "do lar"*, which was published on *Veja's* website. In Foucault's understanding, the discourse goes beyond the semantic order and can be considered a device of power. This article intends to analyze the discursive intention of the website in the production of representations – of gender and sexuality – of women who project themselves in the political space, crystallizing certain signs and denying others.

Keywords: Discourse. Representation. News.

La propuesta de este artículo es analizar bajo la óptica de Michel Foucault el discurso del artículo *Bella, recatada y del hogar*, que fue publicado en la página web de la revista *Veja*. Según Foucault, el discurso sobrepasa el orden semántico y puede considerarse un dispositivo de poder. Este texto pretende analizar según esta perspectiva, la intención discursiva de esta página web en la producción de las representaciones de género y de sexualidad de las mujeres que se proyectan en el espacio político, cristalizando determinados signos y renegando otros.

Palabras clave: Discurso. Representación. Periodismo.

INTRODUÇÃO

A proposta desse artigo é de analisar a matéria veiculada pelo site de notícias da *Veja* que relata aquela que na época era esposa do vice-presidente do Brasil Michel Temer, Marcela Temer. A matéria tem como título *Marcela Temer: Bela, recatada e 'do lar'*. A partir das considerações de Michel Foucault sobre discurso, o texto pretende discorrer sobre as formas disciplinares do corpo e estagnação das representações sociais das mulheres de políticos, aliadas ao fomento da ideologia neoliberal e capitalista. Para Foucault, o discurso é mais que uma organização semântica dos signos na oferta de uma significação; o discurso é construído enquanto um processo histórico que permite determinados tipos de enunciados que estão de acordo com as dinâmicas culturais e sociais.

Destarte, o discurso é a manifestação de poder que deve ser analisado a partir do reconhecimento do contexto em que está inserido e reverbera seguindo uma relação de identificação ao propósito articulado que, para Foucault, “funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação, nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão” (FOUCAULT, 2014, p.284). A partir dessa metodologia, é possível perceber nos canais de comunicação de *Veja* que, além da intenção da conservação dos valores cristalizados de representação sobre gênero, há também a necessidade de aniquilar propostas políticas que não estejam de acordo com a ideologia neoliberal. Para esclarecer esse fenômeno, o artigo apresenta as semelhanças das representações feitas entre

a matéria sobre Marcela Temer e sobre o casamento real inglês entre o príncipe sucessório William e Catherine Middleton.

2. OS MEANDROS DO DISCURSO

No dia 18 de abril de 2016, o site da revista *Veja* veiculou a matéria *Marcela Temer: bela, recatada e 'do lar'* em que apresenta o modo de vida da então vice-segunda dama brasileira Marcela Temer: os compromissos dela como a educação do filho do casal, os momentos de intimidade e as atividades ligadas à vida privada. A beleza e o recato de Marcela tornam-se os ganchos como assuntos principais da matéria, bem como ações e atitudes que dizem respeito ao âmbito privado, concepções que não trazem contribuições ao campo político. O subtítulo da matéria ressalta a diferença de idade entre ela e o marido, o comportamento dela quanto à forma de se vestir e a alusão ao posto que o marido Michel Temer agora ocupa após a concretização do pedido de impeachment da presidente Dilma Rousseff¹, por isso, em alguns momentos, o texto

[1] No dia 2 de dezembro de 2015, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB), acatou o pedido de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff que fora escrito pelos advogados Janaína Conceição Paschoal, Miguel Reale Júnior e Hélio Bicudo, esse é ex-integrante do Partido dos Trabalhadores (PT). O pedido teria sido feito alegando improbidade administrativa e pela ilegalidade das “pedalas fiscais”, manobra contábil que consiste no uso de verba dos bancos para atender aos programas sociais do governo, além dos indícios de corrupção do governo na gestão fraudulenta da Petrobrás, mas, que até o momento, esses fatos não teriam envolvido a presidenta nesse esquema. É pertinente considerar que o pedido de impeachment que fora acatado pelo presidente da Câ-

se refere a ela como ainda sendo esposa do vice-presidente: “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice” (LINHARES, 2016). O site oferecia, à época, como certos o afastamento da presidenta Dilma e a posse do vice ao cargo, mesmo antes do julgamento do Senado.

A matéria se inicia afirmando que Marcela é uma mulher de sorte em ter Michel Temer como marido, mesmo com 13 anos de matrimônio e com as conturbadas condições políticas que o país enfrenta, o casal ainda mantém o romantismo. Um dos sinais deste romantismo seria, na visão da revista, o convite “para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo” (LINHARES, 2016). Como o texto aponta, “a paixão não arrefeceu” justamente por que ainda são mantidas as referências de consumo de luxo, como representação do sentimento de amor do casal. Para a revista o amor está em comunhão com conforto material. De acordo com a matéria do site, o restaurante tem blindagens:

(...) nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um na toaleta, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas

de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente (LINHARES, 2016).

O site sugere outro momento de sorte de Marcela Temer: ele foi o primeiro namorado dela e estava no quinto mandato como deputado federal quando eles se casaram. Na ocasião, ela tinha 20 anos de idade e Temer 62. A matéria segue apresentando sobre a educação do filho do casal, Michelzinho, e a rotina de atividades dela. A matéria também a representa preocupada com a imagem do marido, exemplo disto, teria sido, segundo a publicação, fato de atendê-lo ao encurtar a temporada que ela e o filho desfrutariam no litoral paulista:

No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa (LINHARES, 2016).

Graduada em Direito, mesma formação do marido, ela nunca exerceu a profissão. A matéria destaca que as atividades de Marcela se reduziram em ser recepcionista e participante concursos de beleza. No mais, ela é “do lar”; vinculada às atividades privadas:

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-

mara aconteceu um dia após a abertura de inquérito de investigação pelo Conselho de Ética que envolve Cunha em esquema de distribuição de propinas. Cunha está preso em Curitiba desde outubro de 2016 e já foi condenado a 15 anos de reclusão.

-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele) (LINHARES, 2016).

Há a necessidade de retratar uma mulher preocupada com a imagem e com a vida privada em detrimento de outros assuntos. Outras personagens da matéria ilustram, ratificam e enaltecem essas qualidades como sendo primordiais para a construção da identidade da atual primeira-dama. Como é o caso do cabeleireiro que legitima a beleza de Marcela:

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi (LINHARES, 2016).

Por outro lado, alguns entrevistados certificam o comedimento da esposa do vice-presidente:

Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público poucas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os olhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros (LINHARES, 2016).

No final da matéria, Marcela é apresentada em um papel mais ativo fora do ambiente familiar. Neste caso, a revista destaca que ela acompanha e atualiza o marido quanto ao conteúdo e ao clima político nas

redes sociais. Segundo o texto, é ela quem o abastece com as novidades em curso na internet. E, mais uma vez, a intimidade do casal torna-se destaque e, além da realização das atividades do lar, Marcela seria uma inspiração de Temer para os versos que ele escreve. A matéria apresenta um trecho de um poema que relata experiências avassaladoras de uma paixão intensa:

Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” - o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”. Temer é um homem de sorte (LINHARES, 2016).

A matéria é curta e não se desenvolve para além da exposição de alguns fatos que aconteceram na intimidade de um casal e de construir a representação social de esposa de político como sendo uma figura comedida e razoável. A representação é um modo de significação de signos que circulam no espaço social. Na concepção de Denise Jodelet (2002), as representações sociais “são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (2002, p.22).

Para Jodelet, a representação social envolve questões afetivas, materiais, cognição, linguagem, além da interferência do diálogo de outros campos de conhecimento para o processo como um todo; torna-se, desse modo, compreender que a representação social também contempla as estratégias de circulação e promoção de sentido de um determinado signo dentro de um segmento social. A representação social é edificada segundo um campo estruturado em que há elementos que oferecem subsídios para a formação de um determinado campo que é concebido a partir de “informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos” (JODELET, 2002, p.38) que são compartilhados pelos atores que fomentam a estrutura cultural desse campo, transformando as experiências em relações simbólicas. Com isso, Jodelet considera que a representação social é algo construído segundo uma ordem estrutural que afirma a formação cultural do campo, a comunicação, a formação dos discursos e as manifestações condizentes às questões econômicas, ideológicas, sociais, etc... Nessa relação que os discursos midiáticos fomentam ou subvertem as representações sociais, agindo para legitimar poderes ou oferecer resistência.

Para começarmos a análise, é importante considerar algumas referências sobre o discurso construído. Personagens são elencados para que seja elaborado o texto jornalístico, são as fontes que trarão as informações ao jornalista para a produção do texto. Essas figuras são trazidas para o texto com objetivo de delegitar a perspectiva do sujeito enunciador, no caso, o site da revista. Seria como se essas pessoas referendassem as intenções da construção discursiva. É interessante perceber que as pessoas entrevistadas (mãe, irmã,

cabeleireiro e estilista) são figuras que compartilham da privacidade da primeira-dama e que ressaltam suas qualidades estéticas e comportamentais como a beleza e o comedido. Outras duas mulheres são citadas na matéria: Athina Onassis, rica, herdeira da fortuna de seu avô, o magnata Aristóteles Onassis, e Grace Kelly, atriz e princesa de Mônaco, ambas muito discretas e elegantes, a despeito da visibilidade internacional. A necessidade de comparação ratifica a intenção do veículo em construir a imagem de Marcela segundo elementos de elegância e discrição.

Paralelamente à intenção da construção discursiva, é importante considerar que o discurso vai além dos valores lingüísticos do texto, e pode, segundo Michel Foucault, ser compreendido pelas relações que são estabelecidas de poderes e de saberes:

(...) o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse *mais* que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1986, p.56, grifo nosso).

Esse *mais* que Foucault aponta diz respeito às relações estabelecidas para a edificação dos discursos que são propostos segundo movimentos de saber e poder, considerando o lugar que os sujeitos ocupam em um

determinado espaço e a função normativa e reguladora para o “funcionamento dos mecanismos do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas” (REVEL, 2005, p.37). O discurso é traçado na mutualidade entre a autoridade do sujeito enunciador, o saber desenvolvido por esse sujeito e a ação que consegue realizar, não perdendo de vista a esfera histórica e cultural para a sua formação. Segundo Fischer (2012), a forma de Foucault compreender o discurso apoia-se em quatro pontos importantes:

(...) referente (ou seja, um princípio de diferenciação), um sujeito (no sentido de “posição” a ser ocupada), um campo associado (isto é, coexistir com outros enunciados) e uma materialidade específica – por tratar de coisas efetivamente distas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais (FISCHER, 2012, p.77).

Para a autora, analisar o enunciado é “dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar” (FISCHER, 2012, p.78). Com base na análise foucaultiana do discurso, percebe-se que a presença do referente se materializa na relação que é estabelecida frente à figura central da matéria: Marcela Temer, em referência a sua qualidade de ser uma mulher recatada, discreta e ser uma figura vinculada fundamentalmente a valores privados como a educação do filho e comprometimento com o marido. Como apresenta Rago (1985), a representação da mulher afeita às atividades do lar foi muito forte na constituição da sociedade urbana brasileira, que reconhecia na intimidade da casa um espaço aconchegante para a prosperidade da família nuclear, reservada em

si mesma e parte integrante do universo dos valores dominantes. A promessa de crescimento social tornou-se código moral da sociedade brasileira entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX com o desenvolvimento urbano, industrial e a constituição de uma elite urbana. A autora ainda apresenta os papéis que foram determinados para mulher, restringindo-a aos espaços privados, o que possibilitou a ocupação com a educação dos filhos, controle, vigilância e acompanhamento de todos os integrantes da família e do dia-a-dia da casa:

A promoção de um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, e uma preocupação especial com a infância, percebida com riqueza em potencial da nação, constituíram as peças mestras desse jogo de agenciamento das relações intrafamiliares. À mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio. Complementarmente, a criança passou a ser considerada como ser especial que requeria todos os cuidados dos médicos, novos aliados da mãe, não obstante sua ampla utilização nas camadas pobres da população, como força de trabalho industrial (RAGO, 1985, p.62).

A devoção ao lar é um hábito pertinente às representações sociais atribuídas às mulheres naquele momento histórico e que foi apropriada pelo discurso midiático. Não apenas as revistas semanais informativas apresentavam as mulheres como assujeitadas ao discurso da beleza ou gerenciadora do lar, as publicações tipicamente voltadas

ao público feminino também eram adeptas à prática. Essa representação percorreu por vários anos as páginas de revistas e jornais, começando ainda nos primeiros anos do século XX e perdurando até a atualidade, com exceção das publicações feministas, que apresentavam discursos mais ideologizados e de empoderamento feminino.

Buitoni (2009) afirma que a representação da mulher no espaço privado foi muito forte até os anos de 1960, quando o surgimento da imprensa feminista começa a matizar esta prática com posicionamentos de reconhecimento social e político da mulher. Todavia, a referência da mulher à beleza e a condição de atender ao homem é um discurso presente mesmo nos anos posteriores a 1960 na imprensa feminina; mesmo sendo centrada na figura da mulher, as ações seriam direcionadas ao homem, ou melhor, à submissão da mulher ao homem “(...) há uma centralização em torno da mulher; o texto é dirigido a ela, (...). No entanto, as ações sugeridas são sempre em função dele” (BUITONNI, 2009, p.122).

A despeito de a mulher ter possibilidade de evasão para o espaço público com a inserção do mercado de trabalho e outras reivindicações para reconhecimento público, a manutenção com os cuidados da beleza permanece como prática do discurso midiático, reforçando representações sociais mais antigas. Em cada passagem da história, o corpo feminino foi objeto de análise, investigação, controle e disciplina. Sant’anna (2012) aponta que houve, e ainda há, a prática de discursos para que o corpo esteja de acordo com as referências da beleza, fosse com a corpulência dos anos de 1920, passando pela esbelteza do corpo no final dos anos 1990 e o redimensionamento contemporâneo do corpo com as novas

tecnologias de intervenções cirúrgicas e procedimentos de cuidados que são ofertados pela medicina de ações plásticas e pela indústria farmacêutica.

O discurso midiático sobre o corpo pode ser interpretado como sintomas de políticas de vigília e pode ser investigado segundo a ótica foucaultiana de disciplina e docilização. A cultura do corpo dócil torna-se uma referência para a produção de subjetivações e representações domesticadas por discursos de poder de tal forma que naturalizam e estabilizam as formas de significação, condicionando esse processo à formação de verdade, ou seja, o poder do discurso pode formular a verdade que é arquitetada sob a égide da dominação. Foucault acredita que não poderia haver necessariamente a dominação de um sujeito sobre o outro, ou de um grupo sobre o outro, “mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade” (FOUCAULT, 2014, p.282). Como exemplo desse exercício pulverizado do poder no meio social encontra-se o discurso midiático que não se manifesta apenas no campo do jornalismo, mas também nas práticas discursivas da publicidade e propaganda que, são capacitados da fundamentação de verdade pela reprodução da vontade empreendida.

Na sequência da análise sob o pensamento de Foucault (1986), torna-se pertinente o reconhecimento do sujeito do discurso, ou melhor, do lugar que ele ocupa para a manifestação discursiva. Reconhecer o lugar de onde o sujeito apresenta o discurso traz referências da própria condição cultural em que se encontra, aliando esse panorama à condição histórica desse indivíduo que, no caso, trata-se de uma instituição de comunicação. Assim como a formação discursiva não é reconhecida como

sendo neutra ou pura, o sujeito também é diagnosticado pela composição de outros discursos. Perceberemos a partir de agora que a matéria não apenas enaltece a beleza de Marcela Temer, mas também considera o marido como presidente e exalta a necessidade de mudança presidencial.

A *Veja* começou a circular em 1968, hoje é a publicação semanal de maior circulação no país² e estende a sua linha editorial também no espaço virtual que conta com a produção e exibição de conteúdo multiplataformal. Os canais da *Veja* atualmente defendem abertamente os ideais neoliberais, posição que tornou-se evidente na discussão do processo de redemocratização do país no qual a revista abriu para a entrada de capital externo e o incentivo à importação e se posiciona contra políticas e governanças que tenham traços intervencionistas. Propostas de intervenção na economia não são monopólios das esquerdas, como é o caso das formulações feitas no âmbito da Cepal – Comissão Econômica para a América Latina, nos anos de 1950 e 1960, que eram inspiradas na matriz keynesiana (FURTA-DO, 1985) ou da social democracia europeia (JUDTY, 2011). A revista, contudo, identifica a intervenção econômica como prática esquerdista e mobilizava esta representação sistematicamente contra o governo da presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Não houve uma edição em que a revista não apresentasse discursos contra a gestão da petista nos anos enquanto à frente do executivo nacional.

No entendimento de Silva (2009), a atuação da revista é considerada partidária

[2] Segundo dados da Agência Nacional de Editores de Revista (Aner), ver em <http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/> (Acesso em 04 de maio de 2016).

na defesa de grupos sociais que buscam “o desenvolvimento do sistema de reprodução e ampliação do capital, ou seja, a sua atuação com aparelho privado de hegemonia” (SILVA, 2009, p.19). A referida pesquisa analisou as edições da revista *Veja* entre os anos de 1989 a 2002 em que a autora pôde perceber que ela incentivou políticas de privatização de estatais e ações que diminuiriam a atuação do Estado na economia. Exemplo disto pode ser encontrado na edição de 18 de outubro de 1995 que apresenta a privatização da mineradora Vale do Rio Doce como sendo “a maior operação do gênero na América Latina” e “a estatal mais cobiçada no mundo” (Silva, 2009, p.151) ou a aversão, apresentada na edição de 19 de junho de 2002, ao PT com a ascensão de Luis Ignácio Lula da Silva para a presidência do país em que os “tucanos no governo deveriam segurar o jogo eleitoral antes que ele [PT] ponha em risco a estabilidade conquistada com sacrifício (...) para que a economia se mantenha equilibrada (...) para a manutenção do ‘capitalismo sadio’” (Silva, 2009, p.244-245). O termo aparelho privado de hegemonia utilizado pela autora foi elaborado por Antonio Gramsci. Este pensador descreve que seriam as instituições da sociedade civil que se articulariam para tornar hegemônica a visão de mundo da classe dominante³.

[3] Na visão da autora, Gramsci afirmou que, em determinados momentos históricos, os jornais e publicações da imprensa atuavam a par de classes sociais, em especial das classes dominantes, por ações partidárias justificando e legitimando pensamentos hegemônicos para o fomento da opinião pública que, pode ser interpretada, na verdade, como sendo a opinião do segmento hegemônico da sociedade. Com essa base que a autora considera que a revista, enquanto instituição de comunicação, apresenta atuação pedagógica de promoção de ações e paradigmas ideológicos neoliberais.

O panorama neoliberal da revista ainda permanece nos dias atuais. O apoio à classe média tornou-se um discurso recorrente entre as práticas da revista e das demais plataformas comunicacionais de *Veja*. A edição impressa da revista, do dia 03 de abril de 2013, trouxe na capa um homem branco, engravatado, com feição de descontentamento, lavando a louça com a chamada principal: *Você amanhã: as novas regras trabalhistas das empregadas são um marco civilizatório para o Brasil – e um sinal de que em breve as tarefas domésticas serão divididas entre toda a família*. O assunto de capa foi sobre as novas medidas acerca da legislação que regulamenta a atuação de profissionais domésticos como, por exemplo, a obrigatoriedade do pagamento de férias e décimo terceiro salário. A matéria ilustra famílias de classe média que estão se reorganizando entre as tarefas domésticas e os compromissos do trabalho, além da revisão orçamentária para permanecer ou não com os funcionários em casa. Assim, percebe-se a necessidade da manutenção dos estratos sociais e das representações sociais entre classe média e trabalhadores domésticos. A edição da revista do dia 11 de novembro de 2015 retrata o sufoco que a classe empresarial passa no Brasil com a alta carga tributária e os processos burocráticos que emperrariam o desenvolvimento econômico do país, principalmente sobre as pequenas empresas, as *scale-ups* ou *start-ups*. A capa traz também um homem branco, engravatado, assustado e afixado no fundo branco com fitas adesivas vermelhas, a mesma cor que identifica o PT. A chamada de capa dessa edição tem como manchete: *Deixem ele crescer! Na semana do desastre do eSocial⁴, uma pesquisa inédita em*

32 cidades mostra que o monstro burocrático esmaga com mais força justamente os empresários que ousam crescer e gerar empregos. É de lascar!

A matéria apresenta empresários que se sentem atados pelas cargas tributárias e são retratados com as amarras vermelhas prendendo o corpo, mãos ou pernas. Alguns desses empresários realizam estratégias para que possam amenizar o efeito da carga como, por exemplo, a mudança da sede do empreendimento para estados com menor tributação. E mesmo construindo um cenário desolador sobre a carga tributária do país, a revista apresenta que os pequenos empresários “Nesse ambiente hostil, muitos ainda conseguem inovar e crescer” (MELO, 2015, p.75). Em outro trecho, a revista apresenta essas pequenas empresas com aumento “em pelo menos 20% seu número de empregados ou sua receita, a cada ano. (...) criam 3,3 milhões dos 5,6 milhões de empregos gerados de 2010 a 2012” (MELO, 2015, p.76). Os números reportam que mesmo com o compromisso tributário, a evolução econômica desse setor ainda se apresenta em ascensão, denotando que apenas a classe empresarial é responsável pelo desenvolvimento econômico do país, deslegitimando a atuação do governo para esse sucesso apontado pela revista.

Do ponto de vista da composição do discurso midiático, a pesquisa de um órgão competente, Endeavor, legitima a posição da revista, validando em números e porcentagens a necessidade de afrouxamento tributário para a classe empresarial, enfatizando que apenas esta é capaz de promover

[4] O eSocial é um projeto do governo federal que visa unificar as informações que são enviadas pelo empregador em relação aos empregados à Previdência sobre a

tributação dos impostos trabalhistas. Mais informações no site <http://www.esocial.gov.br/conheca.aspx>, (Acesso em 04 de maio de 2016).

o desenvolvimentoda economia brasileira, desconsiderando índices sociais como analfabetismo e desigualdade social. Além disso, fomenta também uma visão conservadora que visa à manutenção da ideologia do progresso oitocentista de que o desenvolvimento da nação encontra-se quase que exclusivamente no crescimento econômico.

Além dessas referências de ordem empresarial, a revista apresenta-se contra manifestações de apoio ou simpatia com o pensamento do PT ou de esquerda; assim, a revista também apresenta afinidade com os possíveis governantes na saída da presidente Dilma Rousseff. A edição de 18 de novembro de 2015, publicada antes do aceite do pedido de impeachment, apresentou a simpatia pelo vice-presidente Michel Temer para assumir o posto do executivo nacional, estampando numa fotografia em close com a chamada de capa: *O plano Temer: como o vice-presidente e seu partido se preparam para assumir o governo caso Dilma caia*. A matéria apresenta ações para a crise política e a interlocução com nomes para o possível mandato a que foi destinado. Nessa edição a revista o apresenta como sendo um homem discreto, muito semelhante à representação que foi construída da esposa e, até mesmo, um articulador silencioso:

Temer se portou sempre com discrição, evitou polêmicas e mediu cuidadosamente cada palavra dita, a fim de se equilibrar entre interesses diversos e muitas vez contraditórios. Aos olhos do público, tornou-se retrato do político sem sal. Nos bastidores, no entanto, consolidou-se como um especialista na arte de trabalhar em silêncio, costurar acordos de coxia e escalar degraus na hierarquia do poder (BONIN; PEREIRA, 2015, p.45).

Essas representações fornecem condições para perceber que o campo associado da matéria analisada é uma questão mais profunda: o que está em jogo é a tomada de poder. A ideia de campo associado foi concebida por Foucault no sentido de considerar que a associação do discurso dos veiculosa outras práticas discursivas que constituiriam sintomas culturais de uma sociedade em um determinado recorte de tempo e espaço. Assim, percebe-se que a matéria analisada seria o subterfúgio para a aclamação de valores conservadores, a permanência das estruturas capitalistas e a aversão à gestão presidencial de Dilma.

Além disso, percebe-se que a intenção da matéria não é apenas ratificar o local das esposas de políticos no preceito conservador da representação social feminina, mas de ser um mecanismo de legitimação de discursos contra as ações que atravancam a ordem da política neoliberal e conservadora e servir de estratégia de deslegitimar a presidenta Dilma Rousseff. A intenção de retratar Marcela foi um tergiverso para ratificar a ideologia da revista que encontrou na classe média uma aliada para disseminação do discurso neoliberal conservador.

Como apontado por Foucault, o discurso não teria efeito se não fosse um agente para a promoção de ação e ser articulado para além do entendimento semântico. A ação é uma condição sintomática de afeto construído entre o discurso e seus interlocutores, uma identificação, uma relação que é travada no campo simbólico das significações. Perceber a ação é reconhecer o sentido produtivo pelas interfaces. O descontentamento da classe média, bem como suas manifestações no espaço público com passeatas e mobilizações e a produção de sons de janelas e sacadas de prédios e casas

nos pronunciamentos oficiais da presidente seriam sintomas da produção discursiva realizada em valores que deslegitimaram a presidenta do cargo. Uma parcela da sociedade que Avritzer (2016) considera como sendo uma base social que se posiciona fortemente contrária às políticas públicas de inserção social do atual governo, condena os escândalos de corrupção e questiona os avanços alcançados. “Essa base social, uma classe média educada e de alta renda, mas incomodada com a inclusão social e com os casos de corrupção, pode, eventualmente, gerar impasses em todo o projeto democrático e de inclusão social (AVRITZER, 2016, p.22). Assim, a ascensão e prática de discursos que prezam pelo enaltecimento dos valores conservadores e a estagnação das representações sociais (individuais ou coletivas) não apenas reduz a capacidade evolutiva de valores sociais, mas pode comprometer as relações que são desenvolvidas no âmbito da política.

Sobre a materialidade do discurso, a prosperidade da circulação da matéria analisada foi possível pela reverberação no espaço virtual. A potencialidade da virtualidade permite que os conteúdos comunicacionais obtenham mais força de circulação por não encontrar limites de movimentação. Na trama da rede digital é possível estabelecer com mais afincos regimes de interação e interatividade, condições que fizeram com que a matéria repercutisse em escala nacional em curto espaço de tempo. É pertinente que o uso das tecnologias de comunicação também faça parte da análise discursiva, pois, pela materialidade do discurso, é possível verificar a produção, reprodução, as técnicas e as práticas e, inclusive, as relações que são estabelecidas para a formação discursiva.

Da reprodução pela materialidade discursiva não se apreende que a ação seja

uniforme entre todos os interlocutores do conteúdo, a manifestação do poder do discurso muitas vezes origina também movimentos de subversão, ou seja, a ocorrência da força discursiva pode contrariar as próprias intenções. Sobre o caso em análise, justifica-se a ação de mulheres e homens debochando e satirizando o discurso normativo, sexista e preconceituoso da matéria.

3. NÃO É DE HOJE...

A necessidade da *Veja* de marmorizar a representação das esposas de políticos e chefes de Estado a figuras meramente ilustrativas é uma prática presente de outrora.

Não apenas de cristalizar essas representações, mas também de perpetuar os valores tradicionais e propostas neoliberais. A intenção dessa parte do texto não é de esmiuçar os meandros da análise discursiva com foi feito na matéria anterior, mas de verificar com essa prática se estrutura como um sintoma da necessidade de manter os valores marmorizados e servir de estratégia para atacar as políticas de gestões não liberais.

A edição de 27 de abril de 2011 da revista trouxe a cobertura com cinco matérias do casamento real inglês entre o príncipe herdeiro William e Catherine Middleton, ou apenas Kate, uma plebeia. Ele é um dos filhos da união conturbada entre o príncipe Charles e Diana Spencer, Lady Di. A capa dessa edição veicula uma imagem em grande close com a chamada: *Kate Middleton: a princesa encantada*. Seriam inevitáveis as comparações entre a jovem e Diana, já que o casamento dessa atraiu os holofotes da

imprensa internacional pelo fascínio que a nobreza inglesa provoca. As comparações se articulavam no sentido de desmerecer Diana, uma vez que a revista a considera como sendo protagonista pelo desgaste da imagem da corte inglesa, devido às traições e escândalos que envolviam ela e Charles; como se a responsabilidade do fracassado casamento e das ranhuras na imagem da nobreza inglesa fosse exclusivamente dela. A necessidade da manutenção dos valores tradicionais como o casamento e a regularidade da vida mononuclear são pressupostos para a formação discursiva da revista também nessa edição:

Se Willian e Kate tiverem um casamento estável, com filhos que perpetuem a linhagem e sem constrangedores bafafás que cercaram a malfadada união dos pais dele, o arcaico sistema monarquista poderá avançar pelo século XXI afora. (...) Hoje com a monarquia desdentada, o que se espera dos casais reais é que sejam comportados e fiéis, uma coisa bem classe média (VEJA, 2011, p.98-109).

Em outra passagem, além de possibilidade de renovação dos ânimos da monarquia, o casamento do jovem casal é compreendido como outra representação das mulheres da corte inglesa; Catherine seria, para a revista, uma princesa “legítima” no sentido de ser uma figura mais decorativa do cenário conservador do que uma pessoa engajada no plano político:

William é o sopro de renovação que agora com o casamento com Kate reintroduz o elemento perdido com a morte de Diana. O encanto milenar da monarquia ganha o glamour de uma princesa bonita e cheia de roupas para serem olhadas e comentadas por mulheres do mundo in-

teiro. Se o anarquistas não estragarem a festa...(VEJA, 2011, p.100).

A beleza dela é assunto renitente em grande parte das matérias veiculadas. A matéria *Como se faz uma princesa* apresenta as disciplinas e controles com a aparência e comportamentos que ela deve ter em público, as roupas que deverão ser substituídas e os novos hábitos que ela deverá adotar como o uso obrigatório do chapéu entre as integrantes da família real e maior controle para não haver uso abusivo de maquiagem, movimentos que também caracterizam o pensamento de Foucault sobre a docilização dos corpos. A submissão à figura masculina está presente no subtítulo da matéria, o que caracteriza a manutenção dos valores patriarcais e machistas do discurso da publicação. “Kate aprendeu etiqueta, línguas, e protocolo. Também não pode aparecer mais do que o marido, nem chorar em público ou ficar amiga de um paparazzi. Enfim, não ser mais uma Diana engasgada na garganta da família real” (VEJA, 2011, p.105). Essa passagem reforça a representação da mulher como a principal responsável pela traição no casamento, aliviando a responsabilidade masculina na ocorrência desses fatos. Na mesma matéria, a revista desqualifica a família de Diana ao apresentar o pai que foi infiel e agressor da própria esposa. A mãe de Lady Di fugiu com outro homem e, após briga judicial sobre a guarda de Diana e do irmão, o pai venceu o processo: “Depois de conseguida a vingança, como é praxe entre a aristocracia, ele largou Diana às babás e ao colégio interno” (VEJA, 2011, p.106).

Kate, para a revista, não poderia ter a mesma imagem da sogra, já que essa teria manchado a reputação da coroa inglesa. Além da disciplina do regime da realeza, ela

deveria se restringir aos cuidados da beleza e aparência:

Kate é disciplinada e focada. Pode chorar, de tristeza ou de raiva[...] mas em público levanta o bem esculpido narizinho. [...]vive mergulhada em futilidades, tem apenas uma fina camadazinha de cultura, nunca levou a sério a hipótese de arranjar um emprego de verdade, exagera na maquiagem e na cabeleira escovada como um rabo de cavalo puro sangue, gasta pequenas fortunas em roupas (VEJA, 2011, p.109).

Em outra passagem, a revista aponta como deveria ser o comportamento de Catherine: “Atualmente, Kate tem de se preocupar em ser bela, simpática, conformada com o assédio e esforçada em não ofuscar o marido, esta a tarefa mais difícil. O time das poderosas mulheres de Windsor está ganhando mais uma integrante” (VEJA, 2011, p.109), a construção de representação de uma mulher bela, recatada e “da realeza” conservadora.

Com o título *Uma conversa longa*, a última matéria traz os benefícios que a Inglaterra colheu ao se estruturar segundo uma ordem que propõe distância entre a realeza e o parlamento. Mesmo havendo a influência da rainha na política, sua participação nesse plano é limitada pelo parlamento. O parlamentarismo inglês resultou da Revolução Gloriosa de 1689 que amenizou a força de atuação do rei, no caso, James II. Para a revista, essa revolução foi muito mais próspera que a Revolução Francesa justamente por estabelecer distância entre governo e as classes populares. Para justificar o posicionamento de distinção, *Veja* se apoia na obra do professor americano Steven Pincus *A Primeira Revolução Moderna* que, afirma: “O arranjo inglês foi

um sucesso mais duradouro por não tentar construir a insustentável ponte entre dois pólos inconciliáveis, a aristocracia e os miseráveis” (VEJA, 2011, p.119).

Na mesma matéria, a revista apresenta um box em que distingue dois grupos: os filhos da Revolução Gloriosa e os filhos da Revolução Francesa. O primeiro grupo é apresentado como defensor dos valores neoliberais e capitalistas. Retratados com imagens de Margareth Thatcher, com a legenda “Thatcher foi, no poder, o que a Inglaterra teve de mais próximo das conquistas institucionais de 1688” e Steve Jobs, “Inovação – Steve Jobs, da Apple, que pode ser a primeira empresa a valer 1 trilhão de dólares: estabilidade e regras claras”. Esse grupo é apresentado como:

(...) todos aqueles para quem o papel do estado é manter o bom funcionamento das instituições de modo que as liberdades individuais possam ser exercidas em sua plenitude, sob o domínio de leis justas e aplicadas igualmente aos indivíduos, independentemente da classe social (...) São filhos da Revolução Gloriosa os que defendem hoje o controle sobre os gastos governamentais, a diminuição da carga tributária e a intromissão mínima dos agentes do estado nas esferas pessoal e familiar (VEJA, 2011, p.118).

O outro grupo, os filhos da Revolução Francesa, apresenta uma imagem do presidente americano Barak Obama com a legenda “Obama e os democratas americanos representam a moderna tradução dos ideais da Revolução Francesa: direitos assegurados” (VEJA, 2011, p.118) e uma imagem de um grupo de jovens protestando na França: “Dependentes da República: jovens franceses que ainda nem chegaram ao mercado

de trabalho foram às ruas protestas contra mudanças racionais na previdência” (p.119), além disso, esse trecho traz a reprodução da obra de Eugène Delacroix “Liberdade guiando o povo”, de 1830. Para a revista, esse grupo:

São todos aqueles para quem o papel do estado é prover o bem-estar da maioria seja qual for o custo. Sob o amplo guarda-chuva da “liberdade, igualdade e fraternidade”, o genial resumo dos ideais revolucionários dos franceses libertários de 1789, abrigam-se desde democratas sinceros até defensores cegos do centralismo econômico e dos mais cruéis e irracionais monopólios do estado (VEJA, 2011, p.119).

Com esses trechos, percebe-se que a representação feminina, além de limitá-las a estereótipos, é uma passagem para ataques de posicionamentos. A disciplina do corpo e da beleza é incorporada de modo reacionário que limitam as mulheres apenas a ordem dos valores estéticos. A persistência dessa significação se desenvolve sob outra seara que é a necessidade de impor a ideologia hegemônica de estruturas firmadas pelo poder. Apresentar Marcela ou Kate como mulheres bonitas e situadas à sombra do marido torna-se argumento para enaltecer políticas neoliberais e capitalistas em detrimento de quaisquer outros valores políticos que possam existir. Há uma vontade explícita de desmerecimento e desqualificação de discursos e práticas que fujam das intenções hegemônicas neoliberais e conservadoras de poder. Com isso, percebe-se que, como afirmou Foucault, a análise discursiva não investiga nada fora do próprio discurso, mas verifica o quanto as variantes do tempo e do espaço são importantes para o desenvolvimento discursivo de uma época. Assim, o discurso é um sintoma do

recorte histórico em que fora produzido, aliando subjetividades, poder e ação que, no caso, ainda buscam referências conservadoras e tradicionais, em diálogo com as manifestações conservadoras atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso da *Veja* evidencia a proposta de regular comportamentos, subjetividades e representações dentro dos limites do conservadorismo e da estagnação de representações para justificar ações neoliberais.

Como apresentado, a perpetuação desse poder se torna uma tentativa neurótica de não apenas manter a simbologia limitada de esposas de políticos e chefes de estado à condição de exaltar a beleza delas, o propósito maior é de afetar as manifestações que de alguma forma possam colocar em risco os signos da hegemonia do poder desenhada segundo bases neoliberais e conservadoras. Para Baccega, há a vontade da permanência das representações por uma questão da manutenção das estruturas de poder que, por sua vez, está atrelada à garantia de benefícios da reverberação desse poder “(...) o condicionamento social, a visão monológica do mundo, que interessa à permanência do *status quo*, é tão forte que qualquer possibilidade de crítica, qualquer desvio causa estranheza e é repudiado” (BACCEGA, 1998, p.53).

Dentro dessa perspectiva que são fundamentadas as noções de verdade por parte dos veículos de comunicação, bem como a naturalização de determinadas representações, como o caso, dessas mulheres em questão. Não há problema da mulher

escolher ser bela, recatada e se restringir ao lar, a questão é de legitimar apenas essa representação social como digna à mulher e forjar dessa possibilidade críticas a ações políticas que não estejam de acordo com a propostas neoliberais.

Para Foucault, essa intenção que pode parecer obscura e implícita na formação discursiva é, na verdade, parte constitutiva do discurso, uma estratégia inerente da intenção de promoção da ação. Analisar o discurso enquanto uma relação fora da questão linguística é perceber a ocorrência de práticas

que se articulam em nome da estabilização de poderes e da economia de representações que estão a par das estruturas hegemônicas. Guardadas as proporções da representatividade entre Marcela Temer e Catherine Middleton, a vontade de representá-las enquanto peças ilustrativas no cenário político ratifica o sexismo e preconceito, além de aludir à preservação da condição basilar burguesa e conservadora do papel social e político da mulher com discursos que, na verdade, servem de abertura para justificar críticas e ataques às políticas de governos não-liberais no Brasil e no mundo. ■

[MURIEL EMÍDIO PESSOA DO AMARAL]

Doutorando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). Mestre em Comunicação Midiática pela mesma instituição. Foi Professor do curso de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade/Propaganda) da Universidade Norte do Paraná (Unopar).

E.mail: murielamaral@yahoo.com.br

[JOSÉ MIGUEL ARIAS NETO]

Docente de graduação e pós-graduação no Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e na pós-graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

E.mail: jneto@uel.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVRITZER, Leandro. **Impasses da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Linguagem**. São Paulo: Moderna, 1998.

BONIN, Robson; PEREIRA, Daniel. O plano Temer. **Revista Veja**, n.46, ed. 2452, p.44-50, 2015.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus Editora, 2009.

FISCHER, Rosa Maria Bueno **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **Microfísica do poder**. 28ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FURTADO, Celso. **A fantasia organizada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (org.) **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

JUDT, Tony. **O mal ronda a terra: um tratado sobre as insatisfações do presente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LINHARES, Juliana. Bela, recatada e “do lar”. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar> Acesso em 05 de março de 2015.

MELO, Carolina. Punidos por crescer. **Revista Veja**, São Paulo, n.45, ed.2451, p. 74-82, 2015.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANT’ANNA, Denise B. de. “Sempre bela”. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 105-125.

SILVA, Carla Luciana. **Veja**: o indispensável partido neoliberal. Cascavel: Unicentro, 2009.

REVISTAS

Veja,edição 2214, nº17, ano 44, abr. de 2011.

Veja, edição 2315, nº 14, ano 46, abr. 2013.

Veja, edição 2451, nº 45, ano 48, nov.2015.

Veja, edição 2452, nº48, ano 48, nov. 2015.